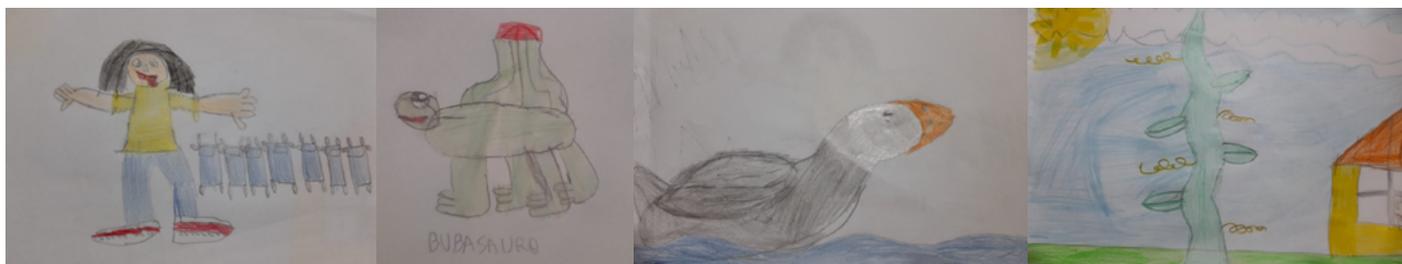


Veze e voz às crianças!



Antônio Pereira da Costa Neto, 8 anos

## EDITORIAL

### ORALIDADE E ESCRITA NA ARENA

Por *Dagoberto Buim Arena*

As relações entre oralidade e escrita, entre textos orais e textos escritos, entre as unidades da oralidade e as da escrita, permanecem como foco de preocupações dos professores alfabetizadores indecisos a respeito de quais relações devem destacar entre os aspectos de uma e de outra linguagem.

A cultura escolar europeia, desde o século XIX, prioriza o ensino da linguagem escrita como registro de marcas gráficas que correspondam a elementos da pronúncia. A cultura escolar brasileira, parte dessa correia de transmissão, incorporou e recomendou essa conduta ao longo do século XX.

Criadas ao longo dos anos, as raízes metodológicas dificilmente se deixam ser arrancadas para que os ventos frescos tragam outras novas e promissoras sementes. Mas semear é necessário para a colheita de melhores frutos.

Nessa trilha, avançam os temas debatidos neste boletim nas duas seções dirigidas diretamente aos professores. O texto oralmente criado pela boca de brasileiras e de brasileiros, de regiões diferentes do país, com traços próprios de seus falares, ao ganharem outra vida pelos caracteres registrados em um suporte, ganham outra existência ou apenas transcrevem o ouvido?

Os textos orais criados por falares distintos, com sua sintaxe e léxico próprios, são ponto de

partida para a recriação dos sentidos em uma distinta construção, a da sintaxe da escrita. Ambos trocam sentidos, léxicos, posições sintáticas de palavras, entonações e pontuações, sem que percam suas características próprias.

Na seção *Eu faço assim*, alunas de pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia narram suas experiências com uma mesma proposta de criação de textos orais, em distintas regiões do país, e a sua recriação na modalidade escrita de linguagem.

Os textos orais fornecem material lexical, semântico e sintático para a criação do texto escrito, diferentes todos uns dos outros na elaboração, nas escolhas e na disposição de palavras, mas cada um preserva os traços próprios de variedades linguísticas regionais encontrados na oralidade e na escrita.

As leitoras e leitores deste boletim encontrarão na seção dedicada a metodologias boas pistas para uma prática metodológica que pode levar as crianças a entenderem a autonomia entre uma e outra modalidade e as trocas feitas entre uma e outra, sem que percam a sua identidade, uma no mundo da oralidade, em que o ouvido é o alvo, e a outra no mundo da escrita, em que os olhos ocupam o lugar de destaque.

## DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

### NÃO SE ESCREVE COMO SE FALA, NEM TAMPOUCO SE FALA E SE ESCREVE SEMPRE DA MESMA MANEIRA

Por Adriana Pastorello Buim Arena

Por ser professora, sei que a vida escolar empurra a gente para lados que não queremos ir. Às vezes nem temos certeza de que lado estamos. Na batalha do dia a dia também me sinto perdida diante das classes lotadas, da imposição dos parâmetros da BNCC que nos limitam, do espaço físico inadequado, da escassez de material, de bons livros. Como se diz em bom mineirez, falar de minha segunda terra amada, “*Num sei ondi cô tô, nem pra ondi cô vô!*” Na verdade, somente me reencontro quando saio do cotidiano alienante e pego o prumo novamente com a ajuda das reuniões de estudo e de trocas com minhas parceiras de trabalho. Para mim, o coletivo importa, e muito!!! Sem ele somos nada.

A primeira discussão que precisamos enfrentar para tomar um outro rumo, diferente daquele que tivemos nos bancos escolares quando éramos crianças, é pensar: “O que esperamos da escola? Queremos que ela seja como o bom forno, que deixa os pãezinhos assados na medida certa, uniformizados na textura e crocantes, prontos para o consumo? Ou que seja a porta de entrada para o mundo da cultura escrita, onde a história nunca termina, e precisa de novas mãos para continuar sua infinita construção, pela qual são produzidos os bens maiores da humanidade?” Integrar-se à cultura é participar da produção dela.

Os alunos não saem prontos, dessa escola que lhes oferecemos, para construir cultura, porque o processo de aprendizagem da linguagem escrita não é como o de osmose na biologia, em que a água se move, sem gasto de energia pela célula, do meio menos concentrado para o mais concentrado, por uma membrana permeável. Os alunos não sairão do lugar em que se encontram na aprendizagem da linguagem escrita, o de não saber produzir um enunciado, para o lugar de autor de textos significativos sem que haja muito gasto de energia por parte dos professores e deles mesmos. Ou melhor dizendo, uma criança que fala fluentemente na sociedade em que vive não chega na escola com o conhecimento de que os sentidos da linguagem oral podem ser representados na escrita e que o contrário

também é possível, embora tenham configurações muito diferentes.

Um grupo que se coloca na defesa de uma alfabetização construída com base nas produções textuais das crianças, que sejam realmente significativas para elas, porque cheias de vida, precisa preparar aulas e nelas ensinar que os autores de textos, que já não estão nos bancos escolares, não obedecem à consciência fonológica ao produzi-los.

A maneira como o ensino e a aprendizagem acontecem na área da linguagem escrita está diretamente ligada à natureza do objeto de ensino. Por isso, é preciso compreender relações entre a linguagem escrita e a linguagem falada para, então, pensar práticas pedagógicas adequadas.

Tomo como referência, para a continuidade desta reflexão, Calvet (2011) e Marcuschi (2004). Não os reproduzo, apenas me inspiro nos livros citados. Eles me fizeram pensar o que aqui escrevo. Quero com este texto, e com a proposta pedagógica apresentada por minhas alunas na seção *Eu faço assim*, demonstrar que é possível ensinar para as crianças do ensino fundamental as diferenças entre as duas modalidades da linguagem, a falada e a escrita, em atividades de reflexão sobre diferentes falares brasileiros anunciando o mesmo evento, e também a atividade de retextualização (Marcuschi, 2004), ou seja, a atividade de transformar um texto oral em um escrito.

Neste espaço me ocuparei apenas em demonstrar o processo de retextualização proposto por Marcuschi. Para tanto, é preciso refletir sobre algumas premissas que embasam essa ação pedagógica. 1. Não se prioriza o ensino da escrita pela escrita, sem considerar sua relação com os sentidos criados na oralidade. 2. As diferenças decorrem, no processamento da linguagem escrita, da intenção do autor de incorporar traços da oralidade dos falares, tal como a sintaxe e léxico próprios. 3. As atividades pedagógicas devem proporcionar aos alunos o entendimento de como se realizam, se constroem e se formulam os textos escritos tendo como

referência os orais e suas particularidades de falares. 4. O aluno está na escola para refletir sobre a linguagem em suas duas modalidades, mas prioritariamente para aprender a modalidade escrita.

Passemos a analisar um exemplo de como a retextualização é um importante meio para o processo de compreensão de que não escrevemos do jeito que falamos. O contexto da produção dos dados foi o de uma situação discursiva informal, em que **P** é uma jovem de 25 anos, graduanda do curso de Pedagogia e **C** é uma criança de 9 anos, que atualmente cursa o 4º ano do Ensino Fundamental I.

Para que a reflexão sobre as diferentes formas de organização dos enunciados falados e escritos se materializassem para a criança, a estudante gravou o diálogo que teve com **C**. Eles conversaram sobre um passeio da criança em um parque de exposições, Camaru, na cidade de Uberlândia, MG. Dois dias depois da gravação, a transcrição do áudio foi a ela apresentada.

### Transcrição do texto falado

(P) Fiquei sabendo que você foi no Camaru ontem:: O que você fez de bom lá?

(C) Eu fui no Camaru e:: fui lá vê as vaquinha... fui lá... fui vê... algumas tinha chifre:: é algumas tinha chifre, algumas não; umas era gra::nde; u::ma quase deu u::ma pernada num homem e:: também quando nós foi embora a mamãe deu quer dizer comprou pastel... e nós viu os cavalinho, adivinha o que tinha? Ca::bra...

(P) Que legal né? É cabra Davi então::

(C) É. Meu irmão não quis, então minha mãe comprou uma maçã:: do amor entendeu? E:: eu vi um:: um brinquedo gigante lá no:: Camaru... e também:: tinha um cavalinho pônei lá.. tinha né, tinha. Minha mãe ficou apaixonada na bolinha e eu passei a primeira vez num boi a mão cabeça... não perai... ai... não lembro, mas passei a mão num boi.

Entregar a transcrição impressa do seu texto oral tinha como propósito levar o aluno a pensar sobre as duas modalidades da linguagem: a oral e a escrita. Assim, a criança entenderia que o texto oral se organiza diferentemente do texto escrito. Essa atividade foi planejada com o intuito de provocar o aluno para que rompesse uma ordem escolar que nele já estava incorporada - “escreva do jeitinho que você está contando

para mim”. Essas orientações docentes, com o intuito de ajudar o pequeno aprendiz da linguagem escrita, podem limitar seu processo de aprendizagem, já que não é possível escrever da forma como se pronuncia, e muito menos transcrever um texto falado e acreditar que haverá sua versão escrita.

### Texto escrito - processo de retextualização

*Eu fui ao Camaru com minha família. Nós fomos passear e ver as vacas, algumas tinham chifres e outras não. Eu me lembro de ter vacas grandes e uma delas quase deu um coice em um homem. Passei a mão em um boi pela primeira vez. Depois de ver as vacas, nós vimos os cavalos, as cabras e pôneis. Minha mãe ficou apaixonada por uma égua que se chamava Bolinha. Quando estávamos indo embora, a mamãe comprou pastel para mim e maçã do amor para meu irmão.*

A estudante agiu como professora, conduziu o olhar de **C**. para a eliminação de marcas estritamente orais e o ajudou a incluir pontuação. Ponderou com ele o apagamento de repetições, redundâncias, autocorreções e sugeriu substituições. Organizaram em parágrafos os turnos da fala. Brincaram com o léxico: *u::ma quase deu u::ma pernada num homem / e uma delas quase deu um coice em um homem; e com a estrutura sintática: e eu passei a primeira vez num boi a mão cabeça... não perai... ai... não lembro, mas passei a mão num boi. / Passei a mão em um boi pela primeira vez.*

Não podemos medir quantitativamente o que ensinamos e o que o aluno aprendeu. A complexidade do universo da linguagem escrita está em sua natureza de enunciado irrepitível, mas podemos promover o envolvimento da criança na participação da criação da cultura escrita, provocando sua curiosidade, seu interesse e sua expectativa de produção. É preciso pensarmos juntos; fazermos juntos.

### Referências

CALVET, L. J. *Tradição oral e tradição escrita*. São Paulo: Parábola, 2011.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

## EU FAÇO ASSIM

### O ENUNCIADO IRREPETÍVEL NA LINGUAGEM FALADA

Por Bianca de Sousa Cardoso, Lívia Vasconcelos Melo e Patrícia Fernanda Rodrigues Manuel

Somos alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, portanto em processo de formação inicial. Na disciplina *Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa*, ministrada pela professora Adriana Pastorello Buim Arena, não lemos apenas textos acadêmicos, mas colocamos em prática propostas e pressupostos estudados, debatidos e refletidos. Queremos compartilhar com vocês o passo a passo de uma atividade que desenvolvemos com um menino de 8 anos ao qual nomearemos **P.** para preservar sua identidade.

Tínhamos como objetivo mostrar diferentes falares regionais para suscitar a reflexão sobre como se dá a construção de um enunciado falado sobre um mesmo evento, por diferentes pessoas, tanto em sua composição sintática, quanto no uso de vocabulário específico de cada cultura regional. Desta forma, demonstraríamos como a linguagem é irrepetível na construção dos dizeres.

Para que isso realmente acontecesse seria necessário que tivéssemos a possibilidade de trabalhar mais tempo com ela, mas isso seria apenas possível no contexto da sala de aula. Entretanto, mesmo sendo uma atividade exploratória de alunas em formação inicial, julgamos que as atividades contribuíram muito para o desenvolvimento de P. Esperamos que elas sirvam de inspiração para professoras que estão nessa lida diária.

#### Planejamento e construção do material

Iniciamos a construção dos materiais que utilizaríamos no encontro com a criança. Para tanto, foi preciso pensar em uma estratégia que envolvesse variações linguísticas regionais para que o tema da organização do texto falado viesse à tona durante a discussão. Então, criamos o seguinte enunciado: “O João, levado como é, subiu no pé de mexerica. Caiu no chão e esfolou o joelho. Saiu chorando e foi para casa”.

Pedimos que três pessoas conhecidas fizessem a narração deste mesmo fato, de acordo com o sotaque e as escolhas lexicais da região

de sua origem. Obtivemos três áudios de diferentes regiões do país: Xingó - AL, Santa Luz - BA e Laranjeiras do Sul - PR. Transcrevemos as falas de cada uma, identificadas como A, B e C e inserimos o link correspondente para cada áudio.

#### O encontro-aula

Os alunos têm o direito de saber o objetivo de cada aula da qual participarão como pessoas ativas e, além disso, as mais interessadas no processo. Então, começamos pelo começo! Não faz sentido deixar as crianças às cegas fazendo uma sequência de atividades, até então sem sentido, para descobrir por si só, ao final dela, o que se pretendia. Se isso acontece com adultos, logo reclamamos: *Ora, porque não nos foi avisado de que assim seria?!* Se o adulto não gosta, a criança também não!

Sendo assim, foi explicado o objetivo e o conteúdo que trabalharíamos. Primeiramente, o aluno ouviu os três áudios, depois apresentamos suas transcrições correspondentes. Repetimos o áudio com a transcrição em mãos. Pedimos que você, leitor, faça o mesmo processo ao ler este boletim: clique no link e ouça o áudio, e em seguida faça a leitura da transcrição.

A - Laranjeiras do Sul–PR:

[https://drive.google.com/file/d/1TKAM-boRlq6FucE\\_8ls\\_ysPLHyP69GptL/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1TKAM-boRlq6FucE_8ls_ysPLHyP69GptL/view?usp=sharing)

*“Paty, você lembra daquele piá? O João, filho da Maria? Esses dias eles foram pro sítio, aí chegaram lá o piá resolve de trepar num pé de bergamota, tava lá em cima, resvalou, caiu no chão, deu um taio no joelho. A mãe dele saiu lá fora pra ver onde que ele tava, ele vinha berrando que deu um taio no joelho e que foi feio de ver.”*

B - Santa Luz–BA:

<https://drive.google.com/file/d/1KxPk-6F4kiC17tYlXhXDExHUvHLnBetXg/view?usp=sharing>

*“Paty, bom dia, tudo bom? Tu lembra de João, filho de Josefa? Aquele menino danadinho que eu falei que tava olhando? Então, ele inventou de vim aqui pra cada de vó, subiu num pé de tangerina, a pois caiu e lascou o joelho todinho, rasgou o joelho, machucou o joelho todinho. Aí, o menino deixa de ficar aqui comigo, saiu correndo no meio da rua chorando, foi pra casa dele. Agora tu viu um negócio desse, o menino sobe no pé de pau, cai e sai correndo, os povo vai achar o que? A pois eu falei com a mãe dele que não quero cuidar dele mais não, olha um menino vei doido vei ta me... Ah pois eu falei com a mãe dele que não quero cuidar dele mais não, olha um menino vei doido vei ta me deixando doida já também, quero mais não.”*

C - Xingó-AL:

<https://drive.google.com/file/d/1fHVMLUWYxAdxc3sk9OPB9jdAXnYaL4I/view?usp=sharing>

*“Mulher, sabe João, o filho de Maria? Aquele menino danado foi subir num pé de tangerina aí levou uma queda, arralou o joelho todinho, saiu gritando, se esgoelando pra casa. Tu acha? Menino danado da gota.”*

Apresentados os áudios e as transcrições, conversamos sobre os três textos falados, suas diferenças e semelhanças. P. conseguiu identificar que se tratava do mesmo assunto, identificou palavras diferentes e reconheceu que a organização da estrutura do enunciado se modificava em cada caso. Entretanto, ele dizia algo curioso, e não esperado por nós, que achava mais certo o áudio C. Chegamos à conclusão de que esse posicionamento foi dado porque as escolhas lexicais e o sotaque dessa pessoa são os que mais se aproximam da sua maneira de falar.

A escola e a sociedade estimulam sempre a cisão entre o certo e o errado. Até mesmo para adultos que nunca foram levados a pensar sobre a natureza da linguagem, é difícil abandonar preconceitos que foram instalados em nós desde que éramos criança. Por meio dessa atividade, emergem temas importantes do contexto do ensino da linguagem falada que não podem ser ignorados na prática pedagógica, como o preconceito linguístico, diferentes sotaques que a mesma palavra tem na boca do outro e, principalmente, a evidência de

que o texto falado se constrói face a face com o outro-ouvinte, por isso ele tem características distintas do texto escrito, que pressupõe também uma outra pessoa-leitora, mas em um lugar e um tempo distantes daquele em que se escreve.

## **“É PRECISO COLOCAR EM EVIDÊNCIA E EM COMPARAÇÃO AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA LINGUAGEM FALADA E DA ESCRITA.”**

E foi exatamente para chegar a isso que esta atividade foi preparada. O planejamento foi essencial, porque nenhum livro didático traz esse riquíssimo material falado. P. chegou à conclusão, com nossa ajuda, de que a produção do texto falado é coletiva e imediata, que existe a possibilidade de reformulação do dito tanto pelo falante como pelo ouvinte, que não há consultas a outros textos ou suportes, que o planejamento do que se pretende falar é simultâneo à fala, que não existe possibilidade de apagamento do dito, que se pode redimensionar o entendimento do texto falado a partir das reações do falante ou do interlocutor. (Fávero; Andrade; Aquino, 2005).

Em atividades de retextualização, como foi explicado na seção *De professor para professor*, coloca-se o contexto de produção da linguagem escrita em evidência, e em comparação com a linguagem falada. As duas atividades apresentadas neste boletim devem caminhar juntas.

Sabemos que não seria possível ensinar tanto em tão pouco tempo, mas julgamos que a atividade despertou nessa criança um olhar para a natureza complexa e irrepitível da linguagem falada.

### Referência

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2005.

## MURAL

### LITERATURA NA RODA

A obra “O muro no meio do livro” leva uma mensagem atemporal de combate ao preconceito e à forma como nos enxergamos melhores que o outro. Ao contar a história de um pequeno cavaleiro que está confiante de que o muro o protege dos muitos perigos do outro lado, tais como: um tigre faminto, um rinoceronte gigante e o do pior perigo de todos, um ogro terrível que seria capaz de comê-lo com uma mordida, o livro explica como nem tudo é o que parece ser. Com sutileza e com muito humor, a obra do autor-ilustrador Jon Agee mostra que em vez de muros é necessário construirmos pontes.



mestra e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Marília – Professora Gisele Cabral, de elaborarem um livro de contos de aventura.

Por meio da adesão à proposta, as crianças se tornaram autoras e ilustradoras de uma obra publicada, pois além dos contos de aventura, as crianças fizeram as ilustrações do livro e de sua capa.



### NAHUM, PRESENTE!

No dia 13 de dezembro de 2022, os membros fundadores do NAHum – Dagoberto Buim Arena e Stela Miller - estiveram presentes no lançamento do livro “No meio dos quinze contos de aventura tem um pé de imaginação!”, organizado pela Professora Gisele de Assis Carvalho Cabral e prefaciado pela Professora Doutora Érika Kohle, diretora da EMEI “Favo de Mel”.



A publicação do livro da turma do 5°C da EMEF “Professor Antônio Ribeiro”, localizada na Zona Sul de Marília, materializou a proposta da

A Turma, que obteve uma alfabetização humanizadora por meio da criação de enunciados desde o início de sua trajetória nos Anos Iniciais, encerra esse ciclo ao participar de todo o processo de publicação de uma obra – idealização, criação de inúmeras versões, criação das ilustrações, revisão final dos contos, publicação, lançamento e sessão de autógrafos.

Na manhã do dia 13/12/2022, os gestores Fábio Borges e Thais Castro, com os funcionários da escola, organizaram o espaço da biblioteca para a sessão de autógrafos que contou com a participação dos familiares das crianças autoras, de alguns professores e funcionários da escola e dos membros do NAHum.

Em diálogo com a equipe do NAHum, a professora ressaltou que sua maior alegria se realizava ao ver as crianças felizes. E, ainda, evidenciou que a publicação do livro foi possível porque teve total apoio dos familiares, que abraçaram a ideia e financiaram a compra dos exemplares, e das crianças, que se engajaram desde o início do processo de escrita.